
GRACILIANO RAMOS DE OLIVEIRA E A SOMBRA DA INFÂNCIA

Georgina Martins^()*

É nosso objetivo analisar neste artigo a representação da infância na obra do escritor Graciliano Ramos, uma vez que ela se coloca como material capaz de fornecer subsídios para uma história literária e cultural da infância e, conseqüentemente, da educação, no Brasil do final do século XIX até meados do XX.

Como presença constante no universo ficcional de Graciliano Ramos, a infância impõe-se, muitas vezes, quase como uma obsessão, noutras se coloca à deriva e perambula pelos mais diferentes cenários que compõem a obra do escritor assombrando adultos atormentados. Algumas personagens do autor, sobretudo as que fizeram parte de sua infância, vão aparecer em quase todos os seus romances, como, por exemplo, o empregado José Baia, a negra Quitéria e o padre Inácio, figuras que penetram em suas narrativas pulverizando as lembranças do tempo da meninice. E, nesse sentido, ousamos afirmar ser essa infância uma sombra que nasceu e cresceu junto com o menino Graciliano, e com ele, deu os seus primeiros passos em solo agreste e hostil.

Não é nosso interesse analisar a obra de Graciliano Ramos a partir de sua biografia; no entanto, conhecer um pouco da trajetória de sua vida serviu para iluminar alguns pontos que, a princípio, nos pareceram obscuros em sua ficção; dentre eles, a relação que Graciliano estabeleceu com a infância em toda a sua obra, bem como o papel que nela desempenha.

Sebastião de Oliveira Ramos casa-se com Maria Amélia Ferro e Ramos e desse casamento nasce, em 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo, o menino que muito mais tarde se tornaria o Velho Graça. Ao ser colocado no mundo, Graciliano vai encontrar um pai violento e uma mãe ainda criança, que, com apenas quatorze anos, vê-se obrigada a cuidar de um recém-nascido e de uma filha adolescente que Sebastião Ramos havia trazido de uma relação anterior.

A personalidade violenta de Sebastião Ramos é, frequentemente, destacada por Graciliano que o via não como um pai, mas como um padrasto, marido de sua mãe, uma mulher que desprezava e odiava os filhos. São da infância do escritor as lembranças de dias sofridos, de pancadas, de castigos extremos e de toda sorte de humilhações que tinha origem dentro da própria

^(*) Especialista em Teoria e Crítica da literatura infantil e juvenil, doutora em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e escritora de livros para crianças e jovens.

família, que o nomeia de bezerro encourado e de cabra-cega, segundo ele, por conta *de sua feiura, desengonço e de uma doença nos olhos que o cegou temporariamente*.(RAMOS, 2002, p. 136).

Ser um bezerro encourado era o mesmo que ser um intruso, um ser frágil que não tinha lugar, e que portanto ocupava o lugar de um outro, vestindo a sua pele, como o bezerro que ficava órfão e tinha que ser cuidado por outra vaca que não a mãe; mas, para aceitá-lo, era necessário que o fosse revestido com a pele de um filhote morto da mãe postiça, daí a aparência desengonçada de alguém que veste uma roupa que não lhe pertence. Desse modo, ser um bezerro encourado era a única forma de se manter vivo e cuidado, mesmo que ocupando o lugar alheio. E, para manter-se vivo, o menino aprende, desde muito cedo, a não ocupar lugar e a não incomodar os que estão a sua volta; e tal qual bezerro encourado contenta-se com o mínimo necessário para a sua sobrevivência. Comportamento pelo qual vai pautar-se durante toda existência, até mesmo por ocasião de sua kafkiana prisão, quando ele se ressentido de uma forte dor na perna, conforme podemos constatar no diálogo entre Graciliano e o sargento responsável por conduzi-lo na caminhada até o presídio da Ilha Grande, retratado em *Memórias do Cárcere*.

— O que o senhor tem? Perguntou áspero.

— Fui operado. Não consigo viajar depressa.

Refletiu, decidiu:

— Vou pedir um cavalo.

Isto me aborreceu: desagrada-me incomodar alguém.

— Talvez não seja preciso. Qual é a distância?

— Doze quilômetros de serra.

— Que horas são?

— Dez.

— A que horas devo chegar?

— À tarde, chegando às seis chega bem.

— Obrigado, sargento. Não é necessário o cavalo. Vou a pé. (RAMOS, 1954, p. 43).

O desconforto e o desagrado diante da possibilidade de incomodar os que estão a sua volta são sensações que, muito fortemente, vão marcar a personalidade dos protagonistas da ficção do autor, como, por exemplo, a de Luís da Silva em *Angústia: Sempre abafando os passos, dirigi-me novamente ao fundo do quintal, com medo daquela gente...* (RAMOS, 1953, p. 18). Ou mesmo

quando, no final da narrativa, o narrador se autoavalia: Milhares de figurinhas insignificantes. *Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras* (p. 251).

Ou a da velha Margarida que se dirige a Paulo Honório, no romance *São Bernardo*, quando este resolve acolhê-la por conta de sua pobreza e decrepitude:—*Pra que tanto luxo? Guarde os seus troços, que podem servir. Em cama não me deito. E quem dá o que tem a pedir vem.* (RAMOS, 2003, p. 65).

E na biografia do escritor, seja por ele mesmo, como em diversas passagens de *Infância*, seja por outrem, fica sempre muito claro que esse desconforto ele adquiriu nos primeiros anos, quando, a duras penas, percebeu que, aos olhos adultos, criança era um estorvo, um incômodo, um ser inútil, que, além de tudo, exigia cuidados especiais, conforme atesta o pesquisador Helmut Feldman em sua obra sobre Graciliano:

A Primeira infância de Graciliano no sertão é crivada de sofrimentos. Os pais viram-se conduzidos à ruína depois de fracassada a experiência como pecuarista e não podiam dar aos filhos a atenção e o amor devidos.

A aversão da mãe e a aspereza do pai roubam-lhe toda confiança em si próprio. (FELDMANN, 1967, p. 97).

E daí a impressão de que o escritor vê a infância como uma sombra que paira sob e sobre todos os adultos com que ele convive, ora como uma frágil e fiel silhueta, ora como um contorno em negativo, que é capaz de revelar e destacar as minudências perversas da pessoa humana. Impressão que pode ser confirmada, sobretudo, se reconhecermos a sombra como matéria que pode ser compreendida à luz da física — incorpórea, achatada, sem qualidade e sem cor; e como antagonista da luz, se configura no negativo dos corpos para revelar-lhe os detalhes mais íntimos, como também para distorcer mais ainda as suas imperfeições; do ponto de vista da física, só podemos perceber os relevos dos objetos nos lugares onde a sombra foi preservada (CASATTI, 2001).

Como sombra, a infância que Graciliano retrata perambula pelos cantos das casas, das escolas, das ruas e, até mesmo do cárcere; lugares por onde ele passou e onde viveu suas mais significativas experiências. E é essa mesma sombra que vai povoar o seu universo ficcional, mesmo em narrativas que a princípio não teriam nada a dizer sobre o mundo infantil. Nessas narrativas, como num jogo de esconde-esconde, ela aparece e desaparece deixando em nós, leitores, a certeza incômoda de que não se foi para sempre, e como fantasma, a sombra pode ressurgir a qualquer momento, sempre com a finalidade de expor as mazelas das personagens, mazelas estas que tiveram origem nas diferentes infâncias das quais ela é projeção.

E foi por ocasião de uma cegueira temporária adquirida na infância que o escritor pareceu se dar conta, pela primeira vez, da sua condição de sombra, e como sombra de si mesmo perambulava pela casa, reconhecendo as outras sombras que o rodeavam. Sensação que registra no capítulo “Cegueira” do livro *Infância*:

E meses depois, nova pausa, novo mergulho na sombra. Movia-me penosamente pelos cantos, infeliz e cabra-cega, contentando-me com migalhas de sons, farrapos de imagens dolorosos. (RAMOS, 1945, p. 135).

Tal qual os acorrentados da caverna de Platão, privado de luz, o menino de infância reconhecia as sombras a sua volta: identificava vozes, intuía feições; e acabava por justificar as injúrias e o desprezo que os adultos mostravam nutrir por ele. Depois, como romancista, fez dessa infância sofrida a sombra de toda a sua produção literária, moldando suas personagens com pedaços de um eu que fora forjado à custa de muito sofrimento e rejeição: *Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. E a gente da casa se impacientava. Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia.* (RAMOS, 1945, p. 129).

As recordações mais sofridas de sua meninice estão registradas no livro *Infância*, no entanto, são recordações que devem ser compreendidas, primeiramente, como obra de ficção, e não como mero registro da memória, dada a concepção estrutural do livro, o que não nos impede, contudo, que o utilizemos como norte para uma melhor compreensão da infância do escritor, fato que em muito nos ajudará a traçar o perfil e o papel que a criança representa na prosa graciliana. Logo, pretendemos que o livro *Infância*, que neste capítulo deverá ser analisado como testemunho da infância de Graciliano, se configure como a sombra dessa dissertação, e como sombra destaque e revele os pontos que possam nos parecer obscuros na ficção desse autor.

Graciliano nasce nos últimos momentos do século XIX (1892), quatro anos depois da assinatura da Lei Áurea e três da Proclamação da República, que culminou com a expulsão da família real. Três grandes marcos na história desse país, a partir dos quais se esperavam grandes mudanças econômicas, políticas e sociais, sobretudo no que se referia às liberdades e às garantias dos indivíduos; o que de fato não aconteceu, sobretudo porque o golpe militar que fundou a República iniciou um processo de censura à imprensa e organizou tribunais de exceção para julgar aqueles que ousassem atentar contra “a segurança do estado”.

Ele nasce em Alagoas, um dos dez Estados mais populosos do país, que contava, na época com cerca de 649 mil habitantes (POMAR, 2002); região em que as mudanças econômicas e políticas geradas pela República repercutiam com muito mais intensidade agravando as grandes crises as quais todo o Sertão nordestino atravessaria ao longo do século XX. Estado cuja economia

estava centrada na produção dos grandes engenhos açucareiros que conferiam aos famosos “coronéis” riquezas e privilégios, e que, como os outros daquela região, é assolado pelas secas desde o século XVI, segundo os relatos que davam notícia à colônia das terras recém-descobertas, como os do padre Antonio Pires que, em 1552 envia, a Portugal, notícias de falta de chuva no Estado de Pernambuco, o que faz também, o jesuíta Fernão Cardim, primeiro cronista a relatar com mais detalhes os efeitos da seca que se estendeu até o litoral desse mesmo Estado, no ano de 1583. (VILA, 2000, p. 18).

No ano de 1583 houve tão grande seca e esterilidade nesta província (cousa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d’água não moeram muito tempo. As fazendas de canaviais e mandioca muitas se secaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos quatro mil ou cinco mil índios. Porém passado aquele trabalho da fome, os que puderam se tornaram ao sertão, exceto os que ficaram em casa dos brancos ou por sua, ou sem sua vontade. (CARDIM, 1978, p. 199).

E foi este o ambiente que o escritor retratou nas páginas de sua ficção, sobretudo nas de *Infância*, publicação de 1945 que tem como cenário o início do século XX. Espaço geográfico forjado na contramão do tão almejado progresso prometido pela República, regime que se instala momentos antes do nascimento de Graciliano, o menino que vai testemunhar com o próprio corpo o resultado de uma educação impingida à criança, pautada por castigos corporais e muita humilhação, uma vez que esta não era vista como um ser que merecesse respeito e afeição, ou que tivesse direitos, conforme comprova a fala de alguns historiadores, que se dedicaram ao tema da infância, como a de Passetti, que destacamos no trecho abaixo:

Veio um século no qual muitas crianças e jovens experimentaram crueldades inimagináveis. Crueldades geradas no próprio núcleo familiar, nas escolas, nas fábricas e escritórios... A dureza da vida levou os pais a abandonarem cada vez mais os filhos. (PASSETTI, 1999, p. 347).

Essa educação patriarcal, que, apesar de, nesse período, já se encontrar em processo de decadência, ainda modelava as relações entre pais e filhos, principalmente entre as famílias abastadas do Nordeste que, mesmo depois da Abolição, insistiam em viver na casa-grande, espaço, também reconhecido como sendo destinado ao exercício da autoridade. A distância entre pai e filho no regime do patriarcado era enorme, e muito comumente se distinguia a criança do adulto pelas expressões: párvulo e adulto, lidas como inferior e superior, ou ainda servo e senhor; denominações que serviam para demarcar a distância entre essas duas categorias de pessoas. As crianças não

comiam à mesa, e muito menos participavam das conversas entre gente grande, eram consideradas seres amorais, preguiçosos, inúteis, cheios de instintos e pecados, e por conta disso seus corpos, tanto quanto os dos escravos, eram severamente castigados. Informações que podem ser encontradas, tanto nos clássicos de Gilberto Freyre, quanto no livro *Infância*:

[...] Depois do corpo do moleque leva-pancada, que às vezes apanhava por ele e pelo menino branco. Mas o menino branco também apanhava. Era castigado pelo pai, pela mãe, pelo avô, pela avó, pelo padrinho, pela madrinha, pelo tio-padre, pela tia solteirona, pelo padre-mestre, pelo padre-régio, pelo professor de gramática. (FREYRE, 2002, p. 98).

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e fiquei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural. (FREYRE, 2002, p. 29).

No auge do regime patriarcal, o poder dos pais sobre os filhos não encontrava limites, e caso julgassem necessário, os pais poderiam até mesmo retirar a vida de seus rebentos, posto que se sentiam senhores absolutos na administração familiar:

[...] Repetindo alguns pais, à sombra dos cajueiros de engenho, os gestos mais duros do patriarcalismo clássico: matar e mandar matar, não só os negros como os meninos e as moças brancas, seus filhos. (FREYRE, 2002, p. 29).

E é no rescaldo de todo esse clima que Graciliano vai compor suas atormentadas e sofridas personagens, em geral, marcadas por histórias de infâncias infelizes, e desse modo, como se repetisse Freud quando este retoma o poeta inglês William Wordsworth, ele reafirma, por meio da construção ficcional, ser a criança o pai do homem; e o homem que habita os diversos cenários de Graciliano tem, em momentos chaves do discurso literário, a sua infância resgatada unicamente com a intenção de justificar, ou mesmo de abolir os pecados e as faltas cometidas na fase adulta. Repetir Freud não o transforma em um mero observador da natureza humana, muito menos em um especialista empenhado em curar as doenças da alma, sobretudo, porque fazer literatura era o maior desejo de Graciliano. Tampouco pretendeu traçar a trajetória da educação infantil no nordeste do início do século XX; apenas tencionava denunciar as arbitrariedades e atrocidades cometidas contra essa infância em nome de uma educação reformadora; da qual o escritor é personagem. No entanto, por força da natureza do discurso literário, o livro *Infância* acabou por fornecer fortes subsídios tanto para compreensão dos mistérios da alma humana, quanto para o conhecimento de uma parte significativa da história da infância no Brasil:

A preta Quitéria engendrou vários filhos. Os machos fugiram, foram presos, tornaram a fugir — e antes da abolição já estavam meio livres. Sumiram-se. As fêmeas, Luísa e Maria, agregavam-se à gente de meu avô. Maria, a mais nova, nascida forra, nunca deixou de ser escrava. (FREYRE, 2002, p. 29).

História que foi escrita a ferro e fogo no corpo do menino Graciliano, e que deixou marcas tão profundas que acabaram por espalhar-se por toda a produção literária do autor, principalmente no livro *Infância*, onde essas marcas são expostas à flor da pele:

Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de marcas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água e sal. (RAMOS, 1945, p. 22).

Graciliano é filho de um tempo que pregava uma educação correcional, por conta da crença de que a criança precisava ser moldada, posto que era vista como um ser desprovido de sentimentos bons. Herança das teorias positivistas sobre a formação moral do ser humano surgidas no século XIX, e que teve como um dos mais ferrenhos representantes o psiquiatra italiano César Lombroso. Ao estudar o comportamento de criminosos, Lombroso concluiu que a gênese da criminalidade se encontrava na infância, o que influenciou, sobremaneira, juristas e médicos brasileiros deste período, como Oscar Freire, Raimundo Nina Rodrigues e Estácio de Lima. Intelectuais que tinham no clássico livro *O Homem Delinquente*, material necessário para forjar uma educação capaz de anular, nas crianças, a tendência nata para a criminalidade, conforme as conclusões de Lombroso (2001) no trecho abaixo:

É que os germes da loucura moral e do crime se encontram, não por exceção, mas numa feição normal, já nos primeiros anos do homem, assim como no embrião encontram-se, constantemente, certas formas, as quais, no adulto, são monstruosidades. Desse modo, a criança representaria um homem privado do senso moral, o que os alienistas chamariam de louco moral, e nós, um delinquente nato. (p. 23).

E foi sob a égide dessa educação correcional que cresceram Graciliano, seus irmãos e o moleque José, filho da escrava Quitéria que, mesmo forra, vivia e trabalhava em sua casa, como nos tempos áureos das grandes famílias patriarcais do Nordeste. Ter sob o mesmo teto crianças que pudessem dividir com ele os castigos e as surras dos pais tornava a sua existência menos penosa, sobretudo porque em algumas vezes a cólera do pai era esvaziada no corpo do moleque —, fato que também testemunha Gilberto Freyre (2002), conforme citação anterior —, e quando chegava a sua vez, já se encontrava bastante diluída.

Se o moleque José ou um cachorro entrasse na sala, talvez as pancadas se transferissem. O moleque e os cachorros eram inocentes, mas não se tratava disto. Responsabilizando qualquer deles, meu pai me esqueceria, deixar-me-ia fugir, esconder-me. (p. 24).

O escritor nasce apenas uma década depois de mais uma grande seca que se abateu sobre o território nordestino levando à morte cerca de 300.000 pessoas, no ano de 1879. Logo depois, nesse mesmo período, outras secas vieram: 1888-89, 1898, 19000 e 1915, esta última, retratada por Raquel de Queiroz no romance *O Quinze*. Mas, foi por volta dos quatro anos de idade que o menino presenciou e viveu as consequências da primeira seca em sua vida – a grande estiagem de 1898 – ocasião em que seu pai já havia desistido da fazenda Pintadinho no Sertão de Pernambuco, comprada com as últimas economias, no distrito de Buíque, e mudara-se para uma Vila no mesmo distrito.

Um dia faltou água em casa. Tive sede e recomendaram-me paciência. A carga de anacoretas chegaria logo. Tardou, a fonte era distante – e fiquei horas numa agonia, rondando o pote, com brasas na língua. (RAMOS, 1945).

E assim, o pai de Graciliano, que por conselho do sogro decidira fazer a vida como pecuarista, vê frustrada a sua tentativa de tornar-se um promissor criador de gado, quando seus rebanhos começam a perecer no final do ano de 1896, e as nascentes começam a secar:

Sentado junto às armas de fogo e aos instrumentos agrícolas, em desânimo profundo, as mãos inertes, pálido, o homem agreste murmurava uma confissão lamentosa à companheira. As nascentes secavam, o gado se finava no carrapato e na morrinha. Estranhei a morrinha e estranhei os carrapatos, forças evidentemente maiores que as de meu pai. (p. 26).

Aos olhos do filho, o pai era um sujeito carrancudo, severo e arrogante, mas que se desfazia e perdia o prumo diante da força daquela natureza seca e inóspita, e transformava-se em um pai melancólico e infeliz. Infelicidade que, somente anos depois, serviu para justificar as atitudes violentas para com o filho, mas que não deixou de engendrar marcas profundas na personalidade do adulto Graciliano que, muito comumente, se via como um ser sem nenhum valor, como fez questão de marcar em duas significativas passagens de *Memórias do Cárcere* quando surge a oportunidade de ele vir a ser defendido por Sobral Pinto:

Estupidez. Sobral Pinto defendia Prestes e Berger, tinha para nós grande importância: era idiota supor que fosse tratar de casos mesquinhos, insignificantes. [...] Inquietou-me vê-lo perder tempo em visita a um preso vagabundo, refugo da colônia correcional. (RAMOS, 1954, p. 287).

Mesmo depois da leitura de sua obra e de depoimentos pessoais sobre a trajetória de vida de Graciliano, ainda nos causam um certo espanto algumas afirmações do autor em relação ao lugar que sempre julgou ocupar no mundo. Afirmações estas bastante contundentes em *Memórias do Cárcere*, que por tratar-se de uma narrativa documental sobre o período que ele passou na cadeia, poderia, pelo menos, em algum momento do texto, denunciar a indignação e a revolta do escritor diante das atrocidades vivenciadas na cadeia; o que, em nossa leitura, não ocorre; contribuindo, dessa forma, para reforçar a avaliação que construímos sobre o ser humano Graciliano, um homem que desenvolveu e cultivou uma imagem muito negativa de si próprio, uma imagem que nos parece ter sido inteiramente ofuscada pela sombra de sua infância de bezerro encourado, situação que muito contribuiu para a formação de uma personalidade que iria viver em constante desconforto com o mundo.

Diante disso, podemos constatar que a economia de linguagem, tão cara ao autor, e tão elogiada pela crítica é, muitas vezes, praticada pelas suas personagens, mesmo quando elas assumem, definitiva ou temporariamente, o papel de narradores da ficção, o que nos faz pensar que o desconforto que demonstram diante do uso da língua se deve ao fato de, também elas, sentirem-se como seu criador: pouco à vontade no mundo, como se ocupassem, conforme bezerro encourado, um lugar que não lhes pertencesse, e por conta disso, não tivessem direito a voz, sobretudo por lhes parecer ser o direito ao uso da linguagem prerrogativa do outro, o que podemos apreender da discussão entre Paulo Honório e Madalena:

– Para que serve a gente discutir, explicar-se? Para quê?

Para que, realmente? O que eu dizia era simples, direto, e procurava de balde em minha mulher concisão e clareza. Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa. (RAMOS, 2003, p. 182).

Ou mesmo quando o narrador de *Vidas Secas* discorre sobre o vocabulário de Fabiano quando o Soldado Amarelo o chama para jogar cartas:

[...] O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. [...] Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira:

– Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contando, etc. É conforme. (RAMOS, 1970).

Graciliano é contemporâneo do Capitão Virgulino Ferreira, o famoso cangaceiro Lampião, que nasceu em 4 de junho de 1898 no Município de Vila Bela, hoje Serra Talhada, no Estado de Pernambuco, ano em que mais uma seca atormentava o Estado, ano da mudança do menino Graciliano para Vila Buíque no mesmo Estado, logo, contemporâneos e conterrâneos da aridez e da violência do sertão de 1900, Lampião e Graciliano testemunharam e vivenciaram as dores e as injustiças de uma infância sofrida, o que, muito, provavelmente, fez o escritor dedicar seis das 37 crônicas do livro *Viventes das Alagoas* à memória do cangaço, e em uma delas, especificamente sobre Lampião, justifica a ferocidade do adulto cangaceiro como resultado de uma infância infeliz:

No começo da vida sofreu numerosas injustiças e suportou muito empurrão. Arrastou enxada, de sol a sol, ganhando dez tostões por dia... As injustiças e os maus tratos foram grandes, mas não desencaminharam Lampião... O que transformou Lampião em besta-fera foi a necessidade de viver. (RAMOS, 1967, p. 31).

Novamente, é a sombra dessa infância que fala mais alto e que, portanto, vai determinar e assombrar a personalidade de adultos ferozes, injustiçados, atormentados e inadaptados à realidade que os cerca, personagens preferenciais de Graciliano que, muitas vezes, deixou transparecer em suas narrativas a admiração que nutria por pessoas que eram capazes de ter atitudes violentas em alguns momentos da vida, como no capítulo “Nuvens” do livro *Infância*:

Encolhido e silenciosos, aguentando cascudos, limitei-me a aprovar a coragem do menino vingativo. Mais tarde, entrando na vida, continuei a venerar a decisão e o heroísmo, quando isso se grava no papel e os gatos se transformam em papa-ratos. De perto, os indivíduos capazes de amarrar fachos nos rabos dos gatos nunca me causaram admiração. Realmente são espantosos, mas é necessário vê-los à distância, modificados. (RAMOS, 1945, p. 16).

“Nuvens” é o primeiro capítulo de *Infância*, capítulo em que Graciliano apresenta ao leitor as suas nebulosas lembranças, embaçadas pela ação do tempo, de um tempo que ele diz desconhecer a própria idade –, pelas contas de sua mãe ele deveria estar com dois ou três anos. Neste capítulo, ele caracteriza os pais, e o pai é descrito como sendo um homem sério e forte, a mãe como mulher má, agressiva e ranzinza, e que vai permanecer assim durante toda a narrativa de *Infância*. Mulher quase desconhecida, com quem Graciliano vai se relacionar com muita cautela. Em alguns momentos, a mãe é para ele quase uma criança, tempo em que o menino aproveita para tomá-la como companheira e desfrutar da trégua que esses instantes proporcionam, mas que, para Graciliano, duravam muito pouco:

Às vezes minha mãe perdia as arestas e a dureza, animava-se, quase se embelezava. Catorze ou quinze anos mais moço que ela, habituei-me, nessas tréguas curtas e

valiosas, a julgá-la criança, uma companheira de gênio variável, que era necessário tratar cautelosamente. Sucedia desprecatar-me e enfadá-la. Os catorze ou quinze anos surgiam entre nós, alargavam-se de chofre – e causavam-me desgosto. (RAMOS, 1945, p. 71).

O pai de Graciliano é descrito em todo o livro como uma figura violenta, muitas vezes injusta; no entanto, nos parecem ter origem na relação com a mãe as suas mais profundas marcas de menino infeliz e de homem em eterno desconforto, posto que é ela quem o faz sentir-se, pela primeira vez, como um ser que provocava repugnância e antipatia:

Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. E a gente da casa se impacientava. Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. (p. 129).

Antipatia traduzida nos apelidos que ela inventava – *cabra-cega* e *bezerro encourado* – na irritação que a presença do filho lhe causava e na impaciência diante da curiosidade quase filosófica do menino que só desejava saber como era o inferno:

Minha mãe irritou-se, achou-me leviano e estúpido...

Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou-me várias chineladas. Não me convenci. Conservei-me dócil, tentando acomodar-me às esquisitices alheias. Mas algumas vezes fui sincero, idiotamente. E vieram-me chineladas e outros castigos oportunos. (p. 74).

E, desse modo, o menino foi aprendendo a calar-se, a economizar as palavras, hábito que teve origem, possível, na necessidade de proteger-se dos castigos corporais, e que depois foi sendo, aos poucos, não só incorporado, como cultivado com muito gosto pelo escritor que só conservava da palavra escrita o que lhe era absolutamente essencial. E, apesar de temer a dor, ou mesmo por conta disso, Graciliano optou por dispor em suas narrativas a realidade dura e cruel de suas personagens que em sua maioria, assim como ele, viveram à sombra de uma infância infeliz.

BIBLIOGRAFIA

- ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: Cidadão e Artista*. Brasília: UNB, 1997.
- ANCHIETA, José. *Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. Belo horizonte: Itatiaia, 1988.
- ARGAN, Carlo Giulio. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- _____. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- _____. *Ficção e Confição*. São Paulo: Editora 34, 1999.

-
- CASATI, Roberto. *A Descoberta da Sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CRISTOVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: Estrutura e valores de um modo de narrar*. Brasília: Editora Brasília, 1975.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. vol. 1.
- FELDMANN, Helmut. *Graciliano: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Editora universitária, 1967.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GARBUGLIO, José Carlos et al. *Coleção escritores brasileiros*. Graciliano Ramos. São Paulo. Ática, 1987.
- LEMOES, Taísa Vliese. *Graciliano Ramos. A Infância pelas Mãos do escritor*. Juiz de Fora: UFJF; Musa Editora, 2002.
- LIMA, Estácio. *O Mundo Estranho dos Cangaceiros*. Salvador: Itapoã, 1965.
- LIMA, Valdemar de Souza. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. Brasília: Civilização Brasileira: MEC, 1980.
- LOMBROSO, César. *O Homem Delinquente*. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001.
- LUKÁCS, Georg. *Realismo Crítico Hoje*. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969.
- MACEDO, Nertan. *Capitão Virgulino Ferreira: Lampião*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- MALARD, Letícia. *Ideologia e Realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. *História Social da Infância Abandonada*: São Paulo: Hucitec, 1998.
- MESQUITA, Samira Nahid. *O Enredo*. São Paulo: Ática, 1987.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos*. São Paulo. Edusp. 1992.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *O Romance (Teoria e Crítica)* Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- MORAES, Dênis. *O Velho Graça*. Uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- NETO, Godofredo de Oliveira. *A Ficção na Realidade em São Bernardo*. Belo Horizonte: Nova Safra, 1990.
- POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.
- _____. *O Fim da Educação*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002.
- PRIORE, Mary Del. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998.
- RAMOS, Clara. *Confirmação Humana de uma Obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- _____. *Angústia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- _____. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Martins, 1954.
- _____. *Insônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- _____. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins, 1967.
- _____. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins, 1970.
- _____. *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- _____. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- _____. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2002a.
- _____. *Caetés*. Rio de Janeiro: Record, 2002b.
- _____. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- RAMOS, Ricardo. *Graciliano: Retrato Fragmentado*. Rio de Janeiro: Siciliano, 1992.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SIGMUND, Freud. *O Mal estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck, *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOUZA, Tânia Regina. *A Infância do Velho Graça*. Memórias em Letras de Forma. Florianópolis: UFSC, 2001.

RESUMO

Recorrendo a um breve panorama da história da criança no Brasil das primeiras décadas do século XX, o presente texto pretende investigar a representação da infância na obra de Graciliano Ramos, tendo em vista a suposição de que o desconcerto com o mundo, divisa para a galeria de personagens gracilianas, remontaria a um universo que se desencanta desde a meninice.

ABSTRACT

Resorting to a short panorama of the childhood's history along the first decades of the century XX in Brazil, the present article searches to investigate the child's depiction in the work of Graciliano Ramos, contemplating the supposition that the disconcert with the world, legend to the Graciliano's gallery of personages, ascends to an universe which disenchant itself since their infancy.

*Recebido em fevereiro de 2013
Aprovado em março de 2013*